

*a Cruz, - o Propósito e a
Ordem Eterna de Deus*



A EXPRESSÃO DO SENHORIO DE CRISTO

T. AUSTIN-SPARKS

*a Cruz - o Propósito e a
Ordem Eterna de Deus*



A EXPRESSÃO DO SENHORIO DE CRISTO

T. AUSTIN-SPARKS

THE CROSS – GOD'S PURPOSE AND ETERNAL ORDER

T. Austin-Sparks

Direitos do autor

Publicado como E-book por Austin-Sparks.Net
Editado e fornecido pelo Golden Candlestick Trust.

A CRUZ – O PROPÓSITO E A ORDEM ETERNA DE DEUS

© 2024 Editora Restauração

www.editorarestauracao.com.br

Curitiba – Brasil

Tradução

João Alfredo Ferraz Barros

Revisão

Paulo César de Oliveira

Capa

Editora Restauração

De acordo com os desejos de T. Austin-Sparks de que o que foi recebido livremente deveria ser dado livremente, e não vendido com fins lucrativos, e que suas mensagens fossem reproduzidas palavra por palavra, pedimos que, se você optar por compartilhar estas mensagens com outras pessoas, respeite os desejos dele e as ofereça livremente – sem nenhuma alteração, sem nenhum custo (exceto os custos de distribuição necessários) e com esta declaração incluída.

SUMÁRIO

A cruz em relação ao propósito original de Deus.....1

A cruz em relação à ordem eterna de Deus 17

CAPÍTULO 1

A cruz em relação ao propósito original de Deus

“Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo [...]” (Gl 6.14)

As palavras que devem ser a chave para nossa meditação são muito familiares para você: “A cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Vamos dedicar um pouco de tempo para considerar alguns dos relacionamentos nos quais devemos ver a cruz se quisermos que ela tenha todo o seu efeito em nossa vida, pois o pleno poder da cruz exige que ela seja apreendida em seus relacionamentos plenos. Jamais conheceremos o poder da cruz, a dinâmica da cruz, em qualquer plenitude real, se a mantivermos sujeita a nós mesmos, se a tornamos nosso mundo particular (por mais necessitado que esse mundo seja), se fizermos de nosso mundo de necessidade espiritual o mundo da cruz. Teremos de sair de nossa base, teremos de sair de

nós mesmos, seguir em frente e tocar alguns desses relacionamentos maiores, e então a coisa voltará para nós com algo de seu tremendo poder. Deus é maior do que o nosso coração, e a cruz é muito maior do que a nossa maior necessidade, e só depois de vermos isso é que descobriremos que essa coisa, nossa necessidade, nós mesmos, simplesmente perde muito de sua importância. Tudo isso foi engolido, fomos libertos, vimos e sentimos o impacto da grandeza da cruz.

O propósito de Deus centrado em Seu Filho

Portanto, nessas relações maiores da cruz, creio que a primeira é sua conexão ou relação com o propósito original de Deus neste universo. Sabemos agora muito bem, como uma questão de verdade e, sem dúvida, como uma questão de fé, que o propósito de Deus, aquele grande propósito das eras, como é chamado, está centrado em Seu Filho e é por Ele circundado; ou devo dizer, pela filiação, pois a filiação é algo muito inclusivo. Ela certamente tem sua origem n'Ele, o Filho, mas abrange muitos à medida que avança. Vejamos as palavras sobre esse assunto no primeiro capítulo da carta aos colossenses:

“[...] o reino do Filho do Seu amor [...]; o qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele. E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência. Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse”
(vs. 13, 15- 19).

Essa é a primeira metade da questão em que o universo é cristocêntrico. Agora vem a mudança, a outra metade.

“[...] havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus. A vós também [...]” (vs. 20-21).

Isso torna a cruz o centro do universo; redentocêntrico. Essa é, por si só, uma das declarações mais maravilhosas das Escrituras. Há poucas coisas em toda a Palavra de Deus que se comparam a ela como declaração. Paulo já havia insinuado isso em cartas anteriores,

mas parece que até mesmo para ele a coisa ainda não havia chegado em sua força total. Isso havia sido insinuado, sinalizado, até mesmo na estrada de Damasco ele teve mais insinuações e indicações à medida que prosseguia, mas essa situação em Colossos, que havia surgido lá, o falso ensino sobre o universo e seu governo espiritual, parece ter feito Paulo reunir tudo o que sabia sobre o assunto e, por assim dizer, lançar-se nele. Ao fazer isso, o assunto tomou sua forma completa e, nessas poucas linhas, 15 a 21, ele nos dá a essência concentrada e o alcance total dessa dupla verdade que chegou a ele com tanto poder emancipador e que ele apresentou aqui com a intenção de livrar a igreja de uma das tentativas mais sinistras e sutis de colocar Cristo em um lugar onde Deus nunca quis que Ele estivesse, ou de roubar de Cristo o lugar que Deus sempre quis que Ele tivesse. E o que está reunido nesse breve parágrafo é este duplo fato: Cristo foi o Criador e o Redentor de todas as coisas; toda a criação foi feita por meio d'Ele, para Ele e por Ele, e toda a redenção também foi por meio d'Ele. Isso pode parecer uma afirmação muito simples, mas se pudermos reconhecer o que isso significa em relação ao ensinamento que ele estava refutando, se formos capazes de compreender mais plenamente o significado dessa coisa tremenda, veremos que não há nada de simples nisso, no sentido de ser elementar.

A imagem do Deus invisível

Mas veja um ou dois dos fragmentos do versículo 15. Ele “é a imagem do Deus invisível”. A palavra “imagem”, “*ikon*”, é uma palavra que significa algo mais, e algo muito mais, do que apenas uma semelhança do Deus invisível, ou uma semelhança com o Deus invisível. Significa uma manifestação real do original. “Aquele que é uma manifestação real do Deus invisível”, não apenas uma semelhança. É aí que reside a sutileza satânica da adoração do *ikon* nesses sistemas em que eles estabelecem *ikons* e oram a eles e adoram diante deles. O verdadeiro significado é que eles não estão apenas fazendo isso para algum tipo de réplica, alguma reprodução. O verdadeiro significado é que se trata de algo que, por si só, deve ser adorado; ele transmite o original, tem o original ali, e esse é o verdadeiro significado da palavra. O Senhor Jesus não é apenas uma semelhança de Deus, uma segunda coisa. Ele é a imagem, a manifestação real do original, o arquétipo, não uma segunda coisa feita como a primeira, mas tão totalmente unificada com a primeira que não são duas coisas de forma alguma. É o original presente em Jesus Cristo. Esse é todo o argumento do Novo Testamento, no qual nós, é claro, acreditamos como parte de nossa própria fé, ou a Fé, mas é preciso chegar a isso antes de compreender o significado da cruz. É aí que tudo começa: Deus estava em Cristo criando e Deus estava em Cristo redimindo, e Cristo estava em Deus criando e Cristo estava em Deus redimindo, e esses não são dois, são um.

O primogênito de toda a criação

A cláusula seguinte – “o primogênito de toda a criação”. A frase em nossa língua, que é, suponho, o mais próximo possível do original e, ainda assim, imperfeita, é calculada para deixar entrar um pensamento, uma ideia, que é algo menor do que o que realmente significa. Isso não significa o primeiro dos seres criados. “O primogênito de toda a criação” não significa o primeiro dos seres criados, mas significa nascido primeiro antes de toda a criação. Isso está na própria palavra usada. Significa prioridade e soberania, e isso é o mesmo em relação à criação, o que é confirmado pelo que se segue.

Todas as coisas foram criadas n’Ele

“Porque nele foram criadas todas as coisas” – não por Ele em primeiro lugar. Isso será dito mais tarde. Você encontrará isso no capítulo um de João, e é bem verdade, mas essa não é a primeira coisa que é dita sobre a atividade criativa. “N’Ele” – e o que se quer dizer com essa afirmação é que Ele foi a causa condicionante da criação; ou seja, Ele continha em Si mesmo tudo o que poderia ser encontrado na criação. Essa é uma afirmação tremenda: a causa condicionante; que a criação deveria receber seu caráter d’Ele; que quando você olha

para toda a criação com olhos iluminados, divinamente iluminados, você rastrearía esse Filho de Deus, você O encontraria implícito em toda a criação. Foi n'Ele que todas as coisas foram criadas, não apenas por Ele e por meio d'Ele. É verdade que aqui é dito “por meio d'Ele”. Ele foi o instrumento mediador da criação. Mas é algo muito mais do que isso. Não se trata de alguém que está fabricando algo de forma objetiva. Ele está trazendo tudo isso à existência com Ele mesmo em sua própria essência. É assim que será no final, e nossos olhos serão então iluminados e encontraremos na criação, como Deus a reconstitui em virtude da cruz, todas as coisas reconciliadas por meio da cruz, em virtude da cruz, essa mesma natureza divina do Filho, do Pai, estará presente em todas as partes do Universo, visível em toda a criação. Mais uma vez, precisamos de uma grande compreensão de Cristo para podermos entender isso. Mas esse é o significado da declaração aqui.

Todas as coisas foram criadas por meio d'Ele

Em seguida, há o fato de que, por meio d'Ele, todas as coisas foram criadas, quando você tiver o “n'Ele”. Essa pequena cláusula, duas palavras, “foram criadas” está no tempo aoristo, que significa um ato definido no tempo. Todas as coisas foram criadas como um ato definido no tempo. Elas foram criadas, e isso em um ponto no tempo, por um ato divino. Não precisamos

discutir isso, mas é bom observar o que é dito aqui. Tudo o que Paulo diz sobre essas outras coisas e tudo o que ele disse sobre esse assunto vai por água abaixo se um fragmento for falso. Se você puder provar a evolução, o ministério de Paulo se desfaz de uma só vez, todo ele, e todos os outros, essa revelação é perdida. Ele diz que foi um ato divino no tempo. Você pode acompanhá-la fragmento por fragmento. Temos o suficiente para nos levar a essa palavra “filiação”. Todo o propósito divino está centrado na filiação e é por ela abrangido.

Filiação – um relacionamento de vida espiritual

O que, então, é filiação, a essência da filiação? Em primeiro lugar, é um relacionamento de vida espiritual. A própria palavra, a própria ideia de pai e filho significa isso. Sou cuidadoso com as palavras que uso. É um relacionamento de vida espiritual. É claro que não acreditamos em um relacionamento físico entre Cristo e o Pai. A filiação não está em uma base física no que diz respeito a ambos. A encarnação é algo posterior à filiação. A filiação remonta a muito antes da encarnação. É, portanto, um relacionamento de vida espiritual, que é Deus transmitindo Sua natureza espiritual em uma vida espiritual a uma semente espiritual. Quando se trata de crentes, os muitos filhos que, tendo sido aceitos no

Amado, o Filho de Seu amor, são levados a esse relacionamento com Deus por meio da transmissão de uma vida espiritual, estabelecendo esse relacionamento específico com Deus.

A filiação torna-se real por meio da fé

Isso se torna real por meio da fé. Quero me deter aqui na questão de a fé tornar as coisas reais e, em particular, nesse relacionamento com o Pai em Cristo, tornado real por meio da fé. Ouvimos com frequência a frase “uma posição de fé”, e receio que muitas vezes essa frase seja usada com um tipo de mentalidade abstrata e nebulosa de que essa é, afinal, apenas uma posição de fé, não é uma posição real; você crê que é, mas não é! Você toma uma atitude em relação a isso, mas na verdade não é assim, é uma “posição de fé”. Agora vamos esclarecer isso. Seu novo nascimento é uma “posição de fé”, e não uma realidade? Sinto muito por você! Sua união com Deus é “uma posição de fé”, e não uma realidade? Há algo errado com isso! A fé é o contato vital, cujo resultado é gerar, em primeiro lugar, criar, fazer surgir uma nova entidade, uma nova existência, um novo ser. É a união de dois em um. Oh, veja isso! Não perca isso no que diz respeito ao que é fé! A fé é o contato vital pelo qual dois se tornam um. É uma união de dois em um, como no casamento. É a entrega de uma posição isolada e separada. Isso é fé, e você verá que to-

das as ações da fé, todos os testes da fé, todas as provas da fé o levarão a isso: deixar sua própria base e assumir a base de Deus, deixar uma base separada, à parte e sozinho, e tornar-se um com Deus. A fé o levará à base de Deus e, imediatamente, você entra na base de Deus e se funde com Deus, algo acontece. Enquanto estivermos parados em nossa provação de fé, afastando-nos, discutindo, resistindo, lutando, ainda caminhando sozinhos e separados, nada acontece. Sabemos disso muito bem. Imediatamente quando nos afastamos da nossa própria base, na mente, no coração ou na vontade, e abandonamos a nós mesmos, nosso pai e nossa mãe espiritualmente, nossa herança, nossos relacionamentos do velho Adão, tudo o que estamos produzindo por nós mesmos, imediatamente nos afastamos dela e, pela fé, entramos diretamente em Deus, algo acontece. Não se trata de uma posição de fé em um sentido doutrinário ou teórico; é algo real. Se você tiver esse tipo de fé, que é a única fé real, se for apenas uma fé como um grão de mostarda, algo acontecerá, é o contato vital.

Há algo muito mais profundo no pensamento divino sobre o casamento do que jamais vimos. O que é o casamento? É, por um lado, o abandono de uma base isolada e separada, o abandono de seus próprios relacionamentos. “Portanto deixará o homem [...]” (Mt 19.5). É abandonar, e realmente deve ser um tremendo ato de fé, e é esse ato de fé que realmente lhe dá valor. Hoje em dia, onde entra a fé nesse relacionamento? As pessoas

simplesmente entram nele, sem pensar, com pouca consideração, em um impulso, uma emoção. Elas não param e perguntam: “O que isso vai envolver? Vamos encarar tudo o que isso provavelmente nos levará a fazer. Vamos olhar para frente e para dentro, e então, bem, será que estou preparado para isso? Até onde posso entender, ver e saber o que esse relacionamento matrimonial envolve e implica, até onde fui capaz de compreender seu significado, estou preparado para isso? Posso ver que, embora possa haver muitas coisas agradáveis e desejáveis no casamento, posso ver que também envolverá responsabilidades, provações e assim por diante. Se eu me comprometer, será um ato de fé, especialmente por parte da mulher”. Perdoe-me por insistir na ilustração. É um ato de fé. Estou comprometendo tudo, colocando-me nas mãos de outra pessoa. Não sei como isso vai se desenrolar, mas é um puro ato de fé – é claro, nascido do amor.

Esse é o princípio da fé. É o relacionamento da igreja com Cristo. Aqui estamos nós. Temos nossa própria vida, gostamos de uma vida independente, uma vida livre, para seguir nosso próprio caminho, fazer o que quisermos. E então surge toda a questão de nosso casamento com Cristo, e nossas liberdades pessoais individuais serão abandonadas, toda a nossa mentalidade sobre as coisas, nossa vontade, nossos sentimentos, deixados de lado. Serão os d’Ele. Ele terá todos os direitos em Suas mãos. Estou preparado para isso? Esse é um passo de fé. Observe, se soubéssemos disso, que isso

está bem no centro de nossa conversão. Nós não reconhecemos tudo isso, mas Ele reconhece, e Cristo nunca aceitou ninguém a não ser com base em um simples ato de compromisso de fé; Ele nunca fez disso uma questão de apenas assinar um cartão, ou algo assim. Não! Trata-se de um caso real de regeneração, e houve um tremendo exercício de fé, um verdadeiro desafio – “Estou preparado para isso?” E quanto mais profundo for o processo, mais completo será o resultado imediato. E o que é verdade no início é verdade durante toda a nossa vida cristã. Esse princípio da fé é o princípio de tornar algo real. O que você lê no fim de Hebreus 10 e início de Hebreus 11? “Ora, a fé é [...]” o quê? Essa não é uma definição de fé. É uma declaração do fato, e todo o capítulo 11 é a comprovação disso, de que quando os homens realmente entraram na base de Deus, algo aconteceu, algo tornou-se real. Isso se torna real. Não é “uma posição de fé”, é uma realidade. A filiação está fundamentada nessa fé implícita que produziu uma unidade tal que não há dois, mas apenas um. “[...] e serão dois numa carne” (Ef 5.31). O apóstolo diz: “[...] digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja” (Ef 5.32). Não são dois, mas um; um compromisso total em que, em um sentido, nossa própria personalidade é trocada pela d’Ele. A partir de então, será Cristo vivendo Sua personalidade, tanto quanto possível, progressivamente, em nós, e não nós vivendo a nossa própria. A fé produz essa unidade.

Agora você percebe por que o Senhor está tratando tanto conosco com base na fé? O que Ele está buscando? Leia Hebreus 12. Você tem tudo isso em essência e substância. Ali você tem: “Filho meu, não desprezes a correção do Senhor, e não desmaies quando por ele fores repreendido; porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho” (vs. 5-6). O próprio princípio da filiação é desenvolvido pela prova da fé, que tem como objetivo a unidade mais completa entre nós e o Senhor, a expressão mais plena dessa unidade básica. Portanto, devemos analisar nossas provações de fé, e quanto mais avançamos com o Senhor, mais elas aumentam e mais severas são, e digo isso com certa reserva, mas talvez o passo final pelo qual nos fundimos em nossa total unidade com o Senhor seja o teste de fé mais severo que já tivemos. Devemos abordar essas questões de nossas provações de fé e dizer: “O que há aqui que represente duas coisas, o Senhor e eu mesmo?”. E minha tarefa agora é dizer: “Não, não eu mesmo, mas o Senhor; não o que eu gostaria, mas o Senhor”. Quando realmente terminamos e isso acaba, algo acontece espiritualmente, algo é produzido. A lei do progresso, da produção, é por meio da fusão de dois em um, com base na mesma vida.

Isso é realizado na criação como uma coisa espiritual manifestada no natural. Todas as coisas são criadas n’Ele, Ele dá o caráter a tudo, e isso será manifestado na criação quando ela for como Ele a fez, e não

como é agora. E quando toda a obra de Sua cruz for realizada, haverá uma unidade que será Cristo, somente Cristo; não Cristo e nós e outros, mas somente Cristo. Haverá uma unidade tão perfeita, o que significa uma harmonia tão perfeita, bem, dizer que não conheceremos a nós mesmos é dizer isso de forma muito fraca. Mas apenas pense em um mundo como este, um mundo como o atual, com todos os seus fragmentos conflitantes, ter apenas uma mente, apenas um coração, apenas uma vontade, apenas um interesse, tudo um e nenhuma coisa dupla, isso é divino! Aí está o coração da cruz. A cruz é uma coisa tremenda.

Agora, você pode trabalhar isso em seu interior, se quiser, mas primeiro capte sua vasta implicação e veja que é para isso que a cruz serve, é isso que Ele realizou por meio de Sua cruz, essa é a dinâmica da cruz. A cruz tratará de todas as divisões, grandes e pequenas, que impedem a unidade do Corpo como um todo. Mas isso começa bem antes, lá no propósito eterno de Deus. A cruz está relacionada ao propósito eterno e é primeiramente expressa no princípio da filiação, e a filiação é aquela unidade da qual falamos, em que não há duas mentes, duas vontades, dois caminhos, dois desejos, mas uma fusão completa, a entrega de toda separação e toda solidão, e foi isso que fez da cruz do Senhor Jesus uma vitória. Não foi na cruz que isso foi totalmente realizado, mas a cruz foi o selo final para isso. Por três anos e meio, e provavelmente mais, Ele esteve nessa

provação para saber se poderia haver duas mentes, duas vontades, dois desejos, dois caminhos, e Ele travou a batalha da cruz, desde o Jordão até o Calvário, e então selou tudo ali, não na Terra, mas em todo o Universo. A cruz foi cósmica, universal, mas a vitória da cruz foi a vitória cumulativa de todas as vitórias em que Ele foi tentado a se afastar do Pai; tudo com base no princípio da fé. “Devo confiar em Meu Pai? Devo fazer o que a carne exige e o que Satanás diz ser a coisa mais sensata a fazer – transformar pedras em pão? Ou devo confiar em Meu Pai?” Foi assim durante todo o tempo, a fusão de Si mesmo com o Pai. Isso é filiação em princípio, e isso é a reconciliação de todas as coisas, a reconciliação de todas as coisas separadas e divididas pela Sua cruz. Oh, a plenitude, a profundidade disso!

Acho que devemos parar por aqui por enquanto. É apenas um vislumbre, mas acredito que um vislumbre que significará algo para nós, um vislumbre do tremendo cenário da cruz e do poder dessa cruz. Se ela pode fazer isso nesse âmbito, pode fazer isso em mim, pode fazer isso em você! Por maior que nosso mundo pessoal possa parecer como um problema e uma dificuldade, vamos trazê-lo diretamente para a grandeza da cruz, e ele não será tão grande quando o virmos em seu devido lugar.

CAPÍTULO 2

A cruz em relação à ordem eterna de Deus

A carta aos colossenses apresenta a ordem eterna de Deus e a contrapõe à obra do Maligno na direção da desordem e da perturbação, e o que é bastante significativo é que toda a obra do inimigo se concentrou em uma coisa que o trai imediatamente, e essa coisa foi tirar Cristo de Seu lugar como Cabeça no que diz respeito aos cristãos. Podemos, é claro, traçar facilmente o rastro da serpente quando esse é o objetivo em vista. O apóstolo está enfrentando essa coisa terrível. Levaria muito tempo e seria muito cansativo para você se eu entrasse no assunto que o apóstolo estava encontrando, uma mistura de religião e filosofia que havia sido desenvolvida entre os gregos quanto às ordens espirituais, seu sistema de principados, potestades e governantes no invisível, as ordens, as gamas de inteligências espirituais, e a questão toda era que, quem quer que Jesus fosse, Ele era, afinal, apenas uma dessas ordens, talvez de um tipo superior.

Ele era um ser criado no mesmo sentido que os outros, e tinha de ocupar Seu lugar como um ser criado,

mesmo que fosse no reino invisível. Ele era apenas um, mesmo que ocupasse uma posição acima de muitos. Em resumo, essa é a situação, e, portanto, o inimigo levou isso aos gregos, cujo temperamento era interessado em assuntos profundos e obscuros; e levou isso aos cristãos, à igreja, e gradualmente foi trabalhando nisso, minando a singularidade do Senhor Jesus – Sua unicabilidade. Portanto, Paulo diz que esses mesmos domínios, coisas invisíveis, tronos e potestades, foram todos criados por Ele. O enfraquecimento da supremacia do Senhor Jesus era o que o apóstolo estava enfrentando e derrubando; que há uma ordem divina que começa no trono de soberania absoluta, que é o Filho, e depois, por meio d’Ele e até Ele, outros tronos, domínios, principados e potestades criados por Ele; coisas visíveis e invisíveis, todas criadas por Ele. Essa é a ordem de Deus.

A ordem divina eterna é orgânica

Há uma ordem eterna que está de acordo com a mente de Deus neste vasto universo, uma ordem de inteligências espirituais, mas há uma desordem que foi introduzida pelo rebelde, pelo outro cujo único negócio é desintegrar, romper a ordem divina para causar desordem, e à luz disso você pode ler esta carta. Para mim, isso abre a carta e a torna algo mais do que fascinante. Você descobre que essa ordem divina eterna é orgânica, resultante da liderança de Cristo. É como um corpo em

perfeita ordem orgânica pelo fato de a Cabeça estar em Seu lugar e receber total soberania. O apóstolo fala sobre reter firme a Cabeça, da qual todo o Corpo é bem formado; uma ordem orgânica, não criada pelo homem, mas espontaneamente resultante do fato de Cristo estar em Seu lugar.

“E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência.” (Cl 1.18)

“Havendo riscado a cédula que era contra nós nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz.” (Cl 2.14)

A cruz e a ordem divina em relação às ordens celestiais: “Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele” (Cl 1.16).

Elas são as ordens celestiais, e é aqui que nos unimos novamente aos crentes. A Igreja é produzida como o instrumento e a esfera para a manifestação da ordem eterna de Deus, para que por meio da cruz “reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que

estão na terra, como as que estão nos céus. A vós também, que noutro tempo éreis estranhos, e inimigos no entendimento pelas vossas obras más, agora contudo vos reconciliou no corpo da sua carne, pela morte, para perante ele vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis” (Cl 1.20-22).

A Igreja como instrumento de recuperação da ordem espiritual

Portanto, a Igreja entra como instrumento de uma ordem espiritual recuperada, mas – e aqui está novamente o ponto crucial e vital –, para ser esse instrumento, essa esfera da ordem eterna manifestada e recuperada, ela tem de passar pelo caminho da cruz, onde sua própria posição separada é abandonada. É isso que temos em palavras como estas:

“Se, pois, estais mortos com Cristo [...]” (Cl 2.20)

*“Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”
(Cl 3.1-3).*

Nesse mesmo contexto, volte ao capítulo 1.

“Aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória; a quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo [...]” (vs. 27-28)

A Igreja e a cruz

Você vê aonde chegamos. Existe uma ordem divina e eterna. Essa ordem está resumida em Cristo como Cabeça, para ser expressa e manifestada em Seu Corpo, de forma coletiva. Para isso, esse Corpo tem de ter passado pelo caminho da cruz em tudo – a vida separada e independente foi completamente abandonada – e no qual aquilo que era outro, tornando dois, foi fundido n’Ele. A figura de Paulo estar “plantado juntamente com Ele” (Rm 6.5), fundido n’Ele em Sua morte, em Sua ressurreição; não dois; não Cristo e você, eu; não Cristo e um corpo separado, mas *um*, apenas um. E o apóstolo está argumentando que é somente por meio dessa Igreja, com base nesses fundamentos, que Deus pode ficar satisfeito com a ordem que Ele eternamente pretendia que existisse neste universo, e você verá que,

assim como na segunda parte da carta aos efésios, na segunda parte da carta aos colossenses, esse assunto é trazido para as questões práticas da vida cotidiana, e essas questões são as questões, como você notará, dos relacionamentos. Você não está lidando com um sistema exterior de coisas. Estamos lidando com princípios espirituais profundamente enraizados. Portanto, os relacionamentos são abordados – maridos, esposas; esposas, maridos; filhos, pais; pais, filhos; mestres, servos; patroas e servas; relacionamentos domésticos, comerciais, sociais; todas as esferas nas quais pode haver uma atividade independente, uma vida dividida, um conflito ou uma separação –, toda essa questão da liderança de Cristo sobre o Corpo é trazida para cá.

Agora, é aí que somos pegos de imediato. Caímos na rede. Não começamos pela outra extremidade. Começamos direto do céu, direto de Deus, direto da eternidade. Essa grande ordem eterna que foi interrompida em todo o Universo, tanto no que não se vê quanto no que se vê, foi recuperada em Cristo pessoalmente por meio da cruz, e depois reconhecida na Igreja, Seu Corpo em um relacionamento vital com Ele mesmo. Mas a existência da Igreja pressupõe que ela tenha ido para a cruz.

Você está interessado na cruz, está interessado na Igreja, está interessado no Corpo de Cristo? Não está vendo o que o Espírito Santo faz? Ele traz isso aqui e diz:

“Veja bem, essa vasta gama eterna de coisas afeta diretamente seus relacionamentos domésticos, e crer no Corpo, na cruz, na liderança de Cristo e professar estar de acordo com esse ensinamento, e manter essa verdade, e haver cisma e divisão entre os crentes no mesmo lar é uma contradição a tudo”. E entre aqueles que têm relações comerciais e são do Senhor, o fato de haver um afastamento, uma separação, uma independência é uma violação de toda a ordem eterna. Não se trata de uma pequena coisa local, um pequeno assunto de família, um pequeno assunto de negócios em que você faz do seu negócio uma coisa e do seu cristianismo outra. Trata-se de algo que atinge a vasta gama da ordem eterna de Deus. Ela vem logo ali, não podemos escapar disso. Se violarmos a Vida, se trabalharmos contra o Espírito Santo, se deixarmos de lado a soberana liderança de Cristo, se tudo o que encontramos nos primeiros dois capítulos e meio da carta aos colossenses ainda for para nós uma verdade objetiva maravilhosa, uma revelação maravilhosa, o mistério que esteve oculto por todas as eras e gerações, mas que agora nos foi dado a conhecer, e bem ali, no lar, dois filhos de Deus que não são um, toda a ordem é violada.

É isso que o inimigo está buscando. Não se trata apenas de incompatibilidade. Se eles forem cristãos responsáveis, caminhando juntos e não encontrarem um lugar de unidade (talvez não uma unidade até a perfeição, mas um lugar de unidade em que eles continuem juntos e não haja brigas), bem, no que diz respeito a

tudo isso, não vale nada. Essa questão da ordem eterna de Deus é tremendamente prática.

Afinal, tudo se resume a isso. O que sabemos sobre a cruz? Se, como mestres, podemos ser controladores, intolerantes, não compreensivos, antipáticos; se, como parentes, podemos permitir que a tensão que nos separa continue indefinidamente e nunca seja esclarecida, o que sabemos sobre a cruz? A cruz toca a ordem eterna de Deus até o limite do Universo, passando por todas as hierarquias, e depois a leva até as questões locais, domésticas e comerciais imediatas em que os cristãos estão envolvidos. A questão não é geralmente, se não invariavelmente, uma questão de submissão? É por isso que a pequena carta a Filipos está entre Efésios e Colossenses. Evódia e Síntique não são unânimes, e a igreja em Filipos está sofrendo tensão porque não há uma só mente; são duas queridas mulheres cristãs crentes, mas isso está causando dificuldades na igreja, e o apóstolo, com a sabedoria do céu, diz: “Vejam bem, o Senhor Jesus abriu mão de todos os Seus direitos, de todas as Suas posses e de todas as Suas posições, e esvaziou-Se de tudo para destruir essa perturbação, destruir completamente essa obra divisória e desintegradora das forças do mal, para trazer a unidade; deixem que essa mentalidade esteja em vocês, abram mão. Vocês têm medo do que acontecerá se vocês abrirem mão. Isso não é fé. Nada acontecerá se for com base em medos. A fé é o elo vital”. As consequências estão com Deus

quando você abre mão. Oh, a vasta revelação do mistério de Efésios, toda a maravilhosa revelação do Senhorio em Colossenses – tudo depende disso para realização prática dele –, Ele Se esvaziou, e você faz o mesmo. Isso é o que o apóstolo realmente diz. Ele Se esvaziou de Si mesmo, faça o mesmo; caso contrário, o que você está fazendo? Violando tudo o que está em Efésios e tudo o que está em Colossenses. Essa pequena carta aos filipenses pega Efésios e Colossenses em ambas as mãos, por assim dizer, e as torna vitalmente uma em sua expressão. Abra mão, esvazie-se. Ah, sim, isso está ficando difícil.

Só posso esperar que o que temos dito indique algo que você possa, caso já tenha visto isso antes, ver de uma maneira nova, com uma percepção mais clara, que a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo tem as coisas mais importantes do universo de Deus ligadas a ela. Essas coisas supremas são trazidas diretamente para a Igreja, o Corpo de Cristo, e essa Igreja não é a Igreja quando se reúne em algum prédio; ela ainda é a Igreja quando está em casa ou no escritório, ainda é a Igreja no círculo social, quando você visita alguém. Quanto do Senhor e das coisas do Senhor ocupam as conversas nas visitas sociais? Se você é cristão, ainda é a Igreja onde quer que esteja, e os princípios da Igreja devem operar em todas as esferas, em todos os lugares. Não permita que deixemos nossa igreja quando voltamos para casa para sermos outra pessoa. Lembre-se de que, no início, não havia locais especiais para reuniões eclesiais. A

Igreja estava em toda parte e em qualquer lugar onde houvesse crentes, e esses princípios se aplicam a eles. O Senhor nos dê graça para recebermos e respondermos à Sua Palavra.

a Cruz - o Propósito e a Ordem Eterna de Deus

Jamais conheceremos o poder da cruz, a dinâmica da cruz, em qualquer plenitude real, se a mantivermos sujeita a nós mesmos, se a tornamos nosso mundo particular (por mais necessitado que esse mundo seja), se fizermos de nosso mundo de necessidade espiritual o mundo da cruz. Teremos que sair de nossa base, teremos que sair de nós mesmos, seguir em frente e tocar alguns desses relacionamentos maiores, e então a coisa voltará para nós com algo de seu tremendo poder. Deus é maior do que o nosso coração, e a cruz é muito maior do que a nossa maior necessidade, e só depois de vermos isso é que descobriremos que essa coisa, nossa necessidade, nós mesmos, simplesmente perde muito de sua importância. Isso tudo foi engolido, fomos libertos, vimos e sentimos o impacto da grandeza da cruz.

Sobre o Autor

THEODORE W. AUSTIN-SPARKS (1888-1971) nasceu em Londres, na Inglaterra. Aos 25 anos de idade foi ordenado pastor. Alguns anos depois, deixou a denominação, abandonou o título de “Reverendo” e recebeu aquilo que denominou “um céu aberto”. Seu foco agora seria simplesmente Cristo. A partir de então, foi convidado a ministrar em conferências ao redor do mundo. Deixou-nos como legado um rico tesouro em suas mensagens repletas da sabedoria, vida e da revelação de Cristo.